

O Líder da informação em Cabo Verde – 1 milhão e 800 mil páginas vistas por mês



ARQUIVO

SECÇÃO: Colunistas

10 Jun, 06:42h

A Denúncia de Elsa Marília Delgado de Brito Morais

## PORQUE RAZÃO PROCURAM MATAR O EVANGELISTA INÁCIO CUNHA?



De acordo com os Escritores da Bíblia Sagrada, é a doutrina da administração dos dizimos ensinada e defendida pelo profeta Inácio e os seus companheiros, é que está correcta ou é a doutrina da administração dos dizimos ensinada e defendida pelos líderes da IASD apóstata e os seus seguidores, é que está correcta?

Porque razão é que os adventistas do 7º dia apostatados estão, ocultamente, a procurar matar o missionário, servo e profeta do DEUS Vivo, Inácio Cunha, membro da Congregação Reformada dos Adventistas do 7º de Tendras (CRASDT)?

Segue-se uma das lindas doutrinas Bíblicas, que o DEUS Altíssimo revelou ao mundo presente por intermédio do Profeta Inácio Cunha, a qual causou grande revolta e ódio da parte dos adventistas do 7º dia apostatados contra ele e os seus fiéis companheiros. Revolta e ódio tal, que também já levou os líderes da Igreja Adventista do 7º Dia (IASD) apóstata, a iniciarem o embriagamento dos incrédulos à Palavra de DEUS com as suas incredulidades contra a Palavra de DEUS, como escrito em Ap.14:8: "(...) a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua substituição", com o objectivo de muito em breve desencadear uma grande explosão de perseguição e homicídio contra os que amam a DEUS e obedecem a todos os seus mandamentos, por palavras e acção.

"Também todas as dízimas (...) são do SENHOR (...)"Lv. 27:30;

Observaste que o verso Bíblico diz que, todos os dizimos dos valores que os homens recebem pertencem a DEUS?

"Certamente darás os dízimos de todo o fruto da tua semente, que cada ano recolher do campo"Dt.14:22;

Observaste que o verso Bíblico diz que os dizimos de DEUS, os quais, no passado eram mais baseados nos produtos da terra e nos animais, deviam ser entregues todos os anos?

"Então haverá um lugar que escolherá o SENHOR vosso Deus (...) ali trareis tudo o que vos ordeno (...) e os vossos dízimos (...)"Dt.12:11;

Observaste que no verso Bíblico DEUS afirmou, que haverá um lugar específico escolhido por ELE, para a arrecadação dos Seus dízimos e de todas as coisas consagradas a ELE?

"Pois o SENHOR vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores (...) Que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa" Dt.10: 17-18;

Observaste que o verso Bíblico diz, que é o SENHOR JEOVÁ quem cuida dos estrangeiros pobres, viúvas pobres e órfãos pobres?

"Quando acabares de separar todos os dízimos da tua colheita (...) então os darás ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam dentro das tuas cidades, e se fartem"(Dt. 26:12;

Observaste que o verso Bíblico revela, que DEUS pediu os dízimos para sustentar quatro classes de pessoas: Levitas (membros fiéis e ministradores da igreja de DEUS), Estrangeiros (pobres de outras comunidades que habitam entre o povo de DEUS), Órfãos pobres e Viúvas pobres?

"Mas ai de vós, fariseus, que dizímais a hortelã, e a arruda, e toda a hortalça, e desprezais o juízo e o amor de Deus. Importava fazer estas coisas, e não deixar as outras" Lc. 11:42;

Observaste que no verso Bíblico, O SENHOR JESUS CRISTO deixou bem claro, que a doutrina dos dizimos deve continuar assim como está sem deixar de lado ou omitir o juízo e o amor de DEUS?

"Tudo o que eu te ordeno, observarás para fazer; nada lhe acrescentarás nem diminuirás"Dt. 12:32;

Observaste que no verso Bíblico, DEUS ordenou aos seres humanos para não diminuírem e nem acrescentarem nada aos Seus mandamentos?

"Ai dos que decretam leis injustas (...) Para desviarem os pobres do seu direito, e para arrebatarem o direito dos aflitos do meu povo; para despojarem as viúvas e roubarem os órfãos" Is. 10:1-2;

Observaste que no verso Bíblico, DEUS falou que não poupará aqueles que escrevem perversidades, para roubarem a parte dos dizimos que pertencem aos estrangeiros, aos órfãos e às viúvas?

"A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo" Tg. 1:27;

Observaste que o verso Bíblico afirma, que a religião verdadeira diante dos olhos de DEUS é aquela que cuida das viúvas e dos órfãos, e que está sempre a livrar-se para não ser derrotada e corrompida com as coisas más desta vida?

"Maldito aquele que perverter o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva (...)" Dt. 27:19;

Observaste que no verso Bíblico, DEUS mostrou que ELE derramará maldições sobre todos aqueles que desviam dos estrangeiros, dos órfãos e das viúvas, os direitos que ELE mesmo lhes deu de tomarem parte nos Seus dízimos?

"O SENHOR entra em juízo contra os anciãos do seu povo e contra os seus príncipes (...) o que roubastes do pobre está em vossa casa". Is. 3:14;



Este plug-in não é suportado

UTILIDADES

Tempo de leitura 11 m

- [Imprimir Artigo](#)
- [Comentário Privado](#)
- [Comentário Público](#)
- [Enviar por Email](#)
- [Adicionar Favoritos](#)

Votar:

Resultado:

86 Votos

OUTRAS NOTÍCIAS

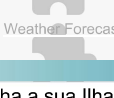
Outras Notícias da secção

- [A ESSÊNCIA DO PARTIDO-ESTADO ASSIM NÃO DA](#)
- [INGREDIENTES -I VASSALAGEM](#)
- [IN MEMORIAM, CARO AMIGO ZIZIM FIGUEIRA, CRONISTA DO MINDELO DE OUTRORA EM DEFESA DO MEIO RURAL E DOS CAMPONESES SEQUELAS DA ESCRAVATURA EM LISBOA](#)
- [INGREDIENTES -II VOTO OBRIGATÓRIO – UM ABSURDO!](#)
- [Ver mais...](#)

O MEU JORNAL

- [Adicionar Notícia](#)
- [Ver Notícias](#)

Subscrever RSS



Escolha a sua Ilha    
 Escolha a sua Ilha

- VÍDEOS
- NEWSLETTER
- FÓRUM
- DOSSIERS
- INQUÉRITOS
- PUBLICIDADE
- CONTACTOS

Observaste que de acordo com o verso Bíblico, são os líderes religiosos é que roubam a parte dos dízimos do SENHOR JEOVÁ, que ELE deu por herança aos mais necessitados da Sua igreja?

"Não roubes ao pobre, porque é pobre (...) Porque o SENHOR defenderá a sua causa em juízo, e aos que os roubam ele lhes tirará a vida" Pv. 22:22-23;

Observaste no verso Bíblico, que DEUS categoricamente ordenou para não roubar os pobres, e que ELE MESMO pronunciou que MATARÁ todos aqueles que roubam os pobres?

"Não furtarás" Dt.5:19; "(...) nem os ladrões (...) nem os roubadores herdarão o reino de Deus" I Cor. 6:10; "(...) qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos" Tg 2:10.

Esta, é uma das doutrinas ensinadas e defendidas pelo profeta Inácio, a qual também o levou a abandonar completamente o relacionamento com os adventistas do 7º dia apostatados, doutrina esta que eles acreditam e divulgam com muito zelo que é originária da inspiração do Diabo, e que também os levou a se revoltarem injustamente contra este activo portador da Verdade Divina (Inácio), quando na verdade deviam se revoltar e muito, contra as suas várias crenças erradas, inclusive as suas doutrinas erróneas sobre a administração dos dízimos, as quais revelam (1º) a tamanha ignorância que assombra e domina esse povo apostatado, (2º) o seu tamanho afastamento da Verdade, e (3º) a sua grande e insaciável ansiedade de roubar os mais necessitados do povo de DEUS, fingindo-se de serem seus guias e protectores.

Será mesmo de Satanás esta linda doutrina dos dízimos de DEUS e a sua administração, como afirmam os adventistas do 7º dia apostatados? Será mesmo verdade que o ser que apresentou ao profeta Inácio esta mensagem numa visão, é mesmo um anjo de Satanás como afirmam os adventistas do 7º dia apostatados? Será que é da vontade de DEUS que sejam odiados, injuriados, caluniados e ameaçados de morte, aqueles que publicam esta linda Verdade Bíblica? Será que os adventistas do 7º dia apostatados estão com medo de serem revelados os seus obscuros e ocultos caracteres, pelos Fiéis de DEUS que saíram do meio deles para não estarem associados aos crimes contra os Céus que ali são praticados?

Agora, observe com atenção as partes sublinhadas da passagem seguinte, e veja que a doutrina da administração dos dízimos ensinada e defendida pela IASD, que hoje está na desenfreada apostasia, diz que: os dízimos de DEUS são só para os seus pastores, e não para os estrangeiros, órfãos e viúvas, como ensina a Palavra de DEUS e os fiéis de DEUS da CRASDT.

"O dízimo é separado para um uso especial. Não deve ser considerado fundo para os pobres. Deve ser dedicado especialmente ao sustento dos que estão levando a mensagem de Deus ao mundo; e não deve ser desviado desse propósito". Conselhos Sobre Mordomia, pp. 103, subt: Não é um fundo para os pobres (não pertence aos estrangeiros pobres, aos órfãos pobres e às viúvas pobres), o qual eles dizem que foi escrito pela Sra Ellen White.

Observaste que os adventistas do 7º dia apostatados decretaram e praticam leis contraditórias à Bíblia Sagrada?

Observaste que, os líderes da IASD apóstata, levam para as suas casas a parte dos dízimos que pertence aos mais necessitados do povo de DEUS (Is 3.14)?

Observaste que de acordo com Is.10:1-2 e Pv.22:22-23, a respeito dos que decretam e praticam doutrinas injustas, contraditórias à Bíblia Sagrada, está determinado um duro juízo de DEUS?

Assim, observaste que caso os adventistas do 7º dia apostatados não renunciarem para sempre a esta falsa doutrina de administração dos dízimos do SENHOR, DEUS em breve os matará?

Observando bem as duas mensagens de administração do dízimo, uma defendida e divulgada pela CRASDT, a qual é fundamentada na Bíblia Sagrada, e a outra defendida e divulgada pela IASD mãe, a justa conclusão que devemos chegar, é que na verdade as crenças da IASD apostatada acerca da administração dos dízimos, não são de inspiração DIVINA. Mas no entanto, eles usando o Nome Santo de DEUS, ensinam e publicam essas doutrinas como sendo de DEUS, e já convenceram multidões que qualquer que prega o contrário a essas suas falsas doutrinas de administração dos dízimos, são mensageiros de Satanás e dignos do vitupério. E por causa dessas suas falsas crenças, multidões em toda a parte do mundo estão a chamar o próprio DEUS de mentiroso; Que pena! E que consequências, eles e os seus seguidores sofrerão em breve, caso não consigamos levá-los ao arrependimento e à confissão pública dessas suas rebeldias e desonras contra o DEUS VIVO? O coração de DEUS se encherá de grande ira e de grande revolta contra eles, e ELE brevemente lançará pragas e maldições terríveis sobre eles à vista de multidões, como escrito em Dt. 28:15, 20 e 25-26: "Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do SENHOR teu Deus, para não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão: O SENHOR mandará sobre ti a maldição; a confusão e a derrota em tudo em que puseres a mão para fazer; até que sejas destruído, e até que repentinamente pereças, por causa da maldade das tuas obras, pelas quais me deixaste. O SENHOR te ferirá com as úlceras do Egípto, com tumores, e com sarna, e com coceira, de que não possas curar-te; O SENHOR te ferirá com loucura, e com cegueira, e com pasmo de coração".

Esta é portanto, uma das razões que levou a CRASDT a utilizar este meio, para publicamente pedir aos sensatos entre os governantes e o povo, a ajudá-la a consciencializar a IASD mãe, desse seu grande erro, o qual levará multidões em todo o mundo a um insuportável sofrimento que terá consequências eternas. Por outro lado, a CRASDT usou esta via para alertar os adventistas do 7º dia apostatados que estão a cometer dois graves pecados em simultâneo: (1º) Roubo aos mais pobres do povo de DEUS, através da violação do 8º artigo da Lei dos 10 Mandamentos de DEUS, que diz para não roubar, o qual foi o próprio DEUS quem escreveu, e com o seu próprio dedo nas duas tábuas de pedras; (2º) Violação do 9º artigo dos 10 Mandamentos, que diz para não dar falso testemunho contra o próximo, o qual também DEUS escreveu com o Seu próprio dedo: "(...) não darás falso testemunho (...) Rm.13:9;" Eis que eu sou contra os profetas, diz o SENHOR, que usam de sua própria linguagem e dizem: Ele disse" Jr.23:31; "A verdadeira testemunha não mentirá (...) Pv.14:5; "(...) mas o que se desboca em mentiras é enganador" Pv.14:25;" A falsa testemunha não ficará impune e o que respira mentiras não escapará" Pv.19:5; "É melhor confiar no SENHOR do que confiar no homem" Sl. 118:8.

De acordo com os Escritores da Bíblia Sagrada, é a doutrina da administração dos dízimos ensinada e defendida pelo profeta Inácio e os seus companheiros, é que está correcta ou é a doutrina da administração dos dízimos ensinada e defendida pelos líderes da IASD apóstata e os seus seguidores, é que está correcta?

De acordo com os Escritores da Bíblia Sagrada, qual dessas duas igrejas é que pelas suas próprias doutrinas da administração dos dízimos do SENHOR, testifica que é ladra e que através dos dízimos do SENHOR JEOVÁ, está a roubar o sustento dos mais necessitados do povo de DEUS?

Sê Avisado.

Elsa Marília Delgado de Brito Morais - <http://www.crasdt.com/>

**Consulte as notícias em arquivo desta secção.**

Comentários dos nossos leitores



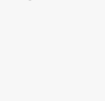
Este plug-in  
não é  
suportado



Este plug-in  
não é  
suportado



Este plug-in  
não é  
suportado



Este plug-in  
não é  
suportado



Este plug-in  
não é  
suportado



Jose Montrond

Gostei: Não Gostei

Comentário:

Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim. Atos 17:11 "Examinais as Escrituras", declarou Cristo, "porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de Mim testificam" (Jo 5:39). Os que cavam abaixo da superfície descobrem às escondidas pedras preciosas da verdade. O Espírito Santo acha-Se presente com o sincero indagador. Sua iluminação resplandece sobre a Palavra, gravando a verdade na mente com nova importância. O pesquisador enche-se de um senso de paz e alegria nunca antes experimentadas. A preciosidade da verdade é compreendida como nunca antes. Uma nova luz celeste brilha sobre a Palavra, iluminando-a como se cada letra se tingisse de ouro. O próprio Deus falou à mente e ao coração, tornando a Palavra espírito e vida. Todo sincero pesquisador da Palavra ergue o coração a Deus, implorando o auxílio do Espírito. E descobre em breve aquilo que o leva acima de todas as fictícias declarações do pretense mestre e falso profeta Inácio Cunha, cujas teorias fracas e vacilantes não são apoiadas pela Palavra do Deus vivo. Essas teorias foram inventadas por que não aprenderam a primeira grande lição de que o Espírito e a vida de Deus Se encontram em Sua Palavra. Caso houvesse recebido no coração o elemento eterno contido na Palavra de Deus, veria quão débeis e inexpressivos são todos os esforços para arranjar algo novo que cause sensação. Ele necessita aprender mesmo os elementares princípios da Palavra de Deus; teria então a palavra de vida para o povo, que distinguirá em breve a palha do trigo, pois Jesus deixou Sua promessa com os discípulos. [...] "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo" (Jo 14:27). Essas palavras não são inteiramente compreendidas por indivíduos, famílias, ou membros da igreja, para quem ou por quem, como Sua família, Deus representaria a verdade pura, não adulterada, que quando recebida e devidamente digerida, traz vida eterna (MR21, p. 131, 132). O dizimo, como verdade bíblica, por mais que pareça um tema comum (debate-se acerca de seu uso e da forma como é solicitado pelas diversas denominações), já foi alvo de esquecimento e, ainda hoje, é objecto de distorções quanto à sua validade, finalidade e aplicação. Não podemos esquecer que: "Deus não tem mudado; o dizimo ainda deve ser usado para o sustento do ministério. O começo da obra em vários campos requer mais eficácia ministerial do que temos agora, e tem que haver fundos na tesouraria". 1. Lamentavelmente, como todas as doutrinas da escritura, o dizimo também está sendo atacado, mesmo no seio da igreja, sendo tais ataques ajuntados a uma velada ou explícita resistência à organização devido a eventuais erros que possam estar sendo cometidos em seu seio ou mesmo por injustificada suspeita de as coisas não estarem sendo bem dirigidas. Questionam-se os motivos dos que pedem para a obra e muitas vezes alimentam-se sentimentos de que está sendo enganado ou defraudado, como resultado perde-se a noção de uma sagrada reserva, e é prejudicado o avanço da obra que deve ir até os confins da terra. Pretende-se apenas revisar, aqui, sucintamente, os ensinamentos bíblicos de uma perspectiva da Igreja Adventista do 7º Dia IASD. Neste estudo será abordado, também, o assunto das ofertas, uma vez que está ligado ao tema principal deste estudo (Mt. 3: 8). O Antigo Testamento faz referência ao dizimo 35 vezes e o Novo Testamento dez vezes. Tais passagens serão citadas e examinadas na medida das possibilidades deste artigo, mais à frente. Vale a pena lembrar a advertência aos pastores e a igreja: Alguns deixam de educar o povo a cumprir com todo o seu dever. Pregam parte de nossa fé que não cria oposição ou desagrada aos ouvintes, mas não declaram toda a verdade. O povo aprecia-lhes a pregação, mas há falta de espiritualidade porque os reclamos do Senhor não são atendidos. Seu povo não lhe dá em dízimos e ofertas o que lhe pertence. Esse roubo a Deus, praticado tanto pelos ricos como pelos pobres, traz trevas às igrejas; e o ministro que com elas trabalha, e não lhes mostra a vontade de Deus claramente revelada, é condenado com o povo, por negligenciar seu dever. Tal declaração, a meu ver, é um motivo bastante significativo, além dos textos bíblicos, para um contínuo esforço denominacional, que inclua maior compreensão, melhor emprego e, finalmente, mais fidelidade nesta área. A Teologia do Dizimo nas Escrituras Reconhecendo a autoridade do dizimo em relação a lei mosaica (Gn. 14: 20; 28: 22; Hb. 7: 5 – 10), pode ser entendido que o sistema é independente do sacerdócio levítico, reconhecido e praticado mesmo por Abraão, o maior dos patriarcas, o pai da fé. Aliás, fé é o elemento chave, para a fidelidade a Deus, especialmente neste assunto. A fidelidade requer confiança total na promessa de Deus (Mt. 3: 10 – 13). Foi somente após a saída dos israelitas do Egito que o dizimo foi regulamentado para o sistema levítico. Ele era dado ao levita, devido a não ter "herança na terra", isto é, ele vivia exclusivamente para o serviço religioso e isso lhe dava direito a todos os dízimos (Lv 27: 30 – 34). Como oferta para o ministério o dizimo pertence realmente a Deus, não deve ser trocado sob pena de multa de um quinto, ou seja, vinte por cento, e em se tratando de dízimos de animais a sua troca implicaria na perda do trocado, isto é, multa de cem por cento, para quem tentasse obter lucro trocando um dizimo gordo por uma substituição mais magra. A lei fazia clara proibição, que desestimulava as artimanhas do coração egoísta enfatizando: " não esquadriñarás entre o bom e o ruim." Sua entrega deveria ser feita somente aos levitas, que actuavam como sacerdotes e, que dariam à família de Arão, o dizimo dos dízimos (Nm. 18:20-26; Ne. 10:37-38; 12:44; 13:5-12). Sendo anterior a Moisés e proclamando o princípio de que Deus é o verdadeiro dono de tudo, exercendo um convite a liberdade e denunciando o coração egoísta e avarento, nutrido a obra de Deus com dádivas altruístas de um coração convertido e liberal, fazendo sentido as palavras realmente inspiradas: " O sistema especial do dizimo baseia-se em um princípio tão duradouro como a lei de Deus". Reivindicando ter recebido luz directa de Deus, Ellen G. White repudia a acção de um homem, entre outros, que proclamava a não devolução do dizimo. Suas palavras ainda definem o assunto como "terra santa" e apela com sensibilidade: "Como causa então o homem até mesmo pensar em seu coração que uma sugestão para reter o dizimo e ofertas vem do Senhor? Onde, meu irmão, vos desviastes do caminho? Oh, ponde vossos pés de novo no caminho reto!" O Dizimo no Antigo Testamento Antes que teçamos maiores comentários, o esboço a seguir ajudará a compreender as rendas do Templo e suas finalidades: 1) Para os sacerdotes (levitas da família de Arão), conforme Números 18:9-26 e Levítico 5:15; 7:35 destacamos: a) Todas as ofertas que não eram queimadas. b) Toda coisa consagrada a Deus por voto. c) Todas as primícias. d) Todos os primogênitos dos animais. e) O dizimo dos dízimos dado pelos levitas. 2) Para os levitas (Nm 18:21-32) — Os dízimos de tudo em Israel. 3) Para os pobres destinava-se um segundo dizimo. Dt. 12, 14, 26. Sobre esse segundo dizimo falaremos mais adiante. Havia também outras provisões mosaicas destinadas a proteger os desafortunados como a respiga e o ano sabático (Dt. 24:19-20, 25:9-10), mas este é o assunto do presente estudo. 4) Para a construção, reforma e manutenção do Templo. a) O imposto anual b) O dinheiro do resgate das pessoas. c) Colecta feita pelos sacerdotes. d) Ofertas voluntárias trazidas ao Templo. Mesmo respeitando os limites deste trabalho, nos perguntamos como foram administrados os dízimos e ofertas em Israel? Os exemplos seguintes nos ajudarão a compreender alguns aspectos da questão: Sob Joás. A reforma de Joás, (cerca de 835 a 796 a.C.) foi uma reforma do Templo e dos seus serviços. Essa empreitada de arrecadação de fundos, para usar uma linguagem bem actual, foi encomendada pelo rei aos sacerdotes. Estes deveriam sair pelas cidades de Judá e levantar dinheiro de todo Israel com o objectivo de reparar "a casa do vosso Deus de ano em ano" (2Cr 24:2-14). Também cobrou ação dos levitas quanto ao "imposto de Moisés" que havia sido instituído para esse fim (v.6). Após haverem conclamado a nação, os levitas receberam esse dinheiro dos israelitas até que a obra foi concluída (vv. 9-10). Esse imposto anual, foi estabelecido no deserto com o objectivo específico de manter e reformar o Templo e correspondia a metade de um siclo "segundo o siclo do santuário" (Éx. 30:11-16). O dicionário diz que o siclo era uma moeda dos judeus, de prata pura e que pesava seis gramas. O shekel ou siclo, era uma moeda de prata pura (meio siclo) que cada um pagava para os gastos de "reparação do Templo e para os sacrifícios, para o perdão do povo. O prazo do pagamento era do dia primeiro ao dia quinze do mês de Adar. Este costume continua até nossos dias, ..." Todo judeu adulto era obrigado a recolher anualmente este imposto e, especificamente nesta época de Joás, estava sendo depositado numa arca de ofertas, no Templo (2Cr 24:8). Além do imposto do Templo, Joás usou para as despesas da reforma o dinheiro do resgate das pessoas (Lv 27:1-15), as ofertas voluntárias (2Rs 12:4). E a arrecadação feita pelos sacerdotes (2Rs 12:5). Os dízimos continuavam exclusivos para o sacerdócio. Sob Ezequias. Mentor de uma reforma espiritual que chamava todo o povo para um reavivamento, o rei Ezequias (729 a 686 a.C.) tomou medidas financeiras para restaurar à actividade do Santuário (2Cr

josemontrond@gmail.com

Concordo: Discordo

31:2-21). O rei custearia as cerimónias diárias da manhã e da tarde, dos sábados, luas novas e festas fixas, conforme a lei do Senhor (v. 3 e Nm 28:1-29). O povo contribuiria com a parte devida aos sacerdotes e levitas, que eram os dízimos e as ofertas (v. 4-6 e Nm 18) e o fez com tal abundância que foi necessário preparar novos depósitos (v.11), e ali recolher fielmente as ofertas, os dízimos e as coisas consagradas (v.12). Havia dois grupos encarregados de administrar as entradas, em separado: (1) Um intendente e sua equipa para os dízimos e porções dos sacerdotes nominalmente. Recebiam o pagamento apenas os que estavam oficialmente registrados como ministros de Deus (vv. 17-19). Eles não recebiam os dízimos directamente dos adoradores, mas da tesouraria centralizada que coordenava toda a distribuição das porções dos dízimos e rendas dos que, não tendo outra actividade, viviam somente para o serviço religioso da obra do Senhor (vv. 14, 15 e 19). As porções eram para todos os levitas, sem discriminação. (2) Outro intendente levita, Core, e a sua equipa controlava as ofertas e sua distribuição aos que serviam no Templo em seus turnos (vv. 14-16). A reforma de Ezequias obedeceu às directrizes que se encontravam nas leis e mandamentos de Deus (v.21). Não eram ideias de organização originais do rei, mas um retorno ao modelo divino abandonado durante a apostasia. Deus as aprovou e abençoou, uma vez que foram declaradas boas, retas e verdadeira (vv. 20 e 21). Os dízimos continuavam exclusivos para o sacerdócio. Sob Josias. A reforma posterior, do rei Josias (640 a 609 a.C.), seguiu o mesmo padrão de Joás e Ezequias. As ofertas voluntárias e o imposto continuavam ainda a serem depositadas na caixa à porta do Santuário (2Rs 22:1-7; 2Cr 24:8-10; 31:14). Sob Neemias. Depois de recolhidos, em produtos diversos, os dízimos e as ofertas, eram levados a depósitos próprios para cada dádiva, como menciona Neemias (12:44). Esse procedimento chama a atenção, uma vez que tratava-se de uma reforma espiritual que ocorria após o retorno do cativo (ca. 444 a.C.). Tal reforma foi seguida de um apelo a devolução das porções prescrita na lei e envolviam ofertas, primícias, dízimos e outras de acordo com a Torah. Tendo determinado depósitos específicos para cada oferta, afim de não misturar entradas que tinham finalidades diferentes, Neemias também elegeu tesoureiros, centralizou a entrega dos recursos no Santuário de onde se distribuíam as porções aos levitas e sacerdotes, cada um em sua função. É sintomática a preferência por um centro receptor e uma fiel equipa de sacerdotes que fizesse a distribuição "a seus irmãos" ficando uma equipa em Jerusalém para os sacerdotes e outras nas cidades dos levitas (Ne 12:44-47; 13:10-13). O ministério de Malaquias. Em Malaquias 3:8-10 (ca. 400 a.C.), o profeta refere-se a essa Casa do Tesouro do Templo, com a sua administração e organização, na qual os dízimos não eram misturados com as ofertas e coisas consagradas, mas tinham seu controle por um corpo de levitas nomeado especialmente para receber e dar as porções aos sacerdotes. A ênfase de Malaquias é a falta de bênçãos em virtude de não devolverem os dízimos fielmente, pois deveriam trazê-lo a Jerusalém sob a supervisão dos sacerdotes (dízimos dos dízimos e ofertas especiais) e manter a porção dos levitas em suas cidades para que os tesoureiros, também levitas, fizessem a distribuição conforme fosse necessário. Segundo McConville, mencionado por E. E Carpenter, já citado acima, Neemias representa a mais antiga tradição acerca do uso do dízimo e deriva de Deuteronomio e Números. Não podemos esclarecer, evidentemente, todos os detalhes referentes ao uso do dízimo levítico em Israel, mas podemos, com razoável segurança entender que esse dízimo era a a décima parte das rendas do adorador, obrigatória, que não podia ser trocada ou resgatada, no todo ou em parte, era consagrada ao ministério, não podendo ser utilizada para nenhuma outra finalidade ou serviço, mesmo do Santuário, e que sua administração não era feita pelos sacerdotes individualmente e nem pelo adorador, mas por uma equipa designada dentre os próprios levitas; além do mais, é dito pertencer a Deus e por isso deve ser devolvida (Lv 27; Ml 3:8-10). Por outro lado, quanto às ofertas, elas pertencem ao homem (Dt 16:10), o critério de quanto dar é do homem (Dt 16:17), podem ser usadas para várias finalidades (êx 30:12, 13; 2Cr 31:14; 24:6, 9; Ne 10:32), por isso damos. Foi a liberdade e obediência dos israelitas ao princípio desses usos adequados nas diversas ofertas que possibilitou toda a construção, manutenção e reformas do Templo em várias épocas sem lançar mãos do dízimo, conforme Deus prescrevera. O Dízimo no Novo Testamento A palavra dízimo não é usada de forma directa nas instruções à igreja sobre o assunto, no entanto é bom lembrar que a omissão não invalida a doutrina e nem o Novo Testamento se destinava a ser o instrumento único que vai estabelecer as doutrinas válidas da igreja. Uma doutrina não precisa ser repetida nos escritos neotestamentários para ser validada. Aliás, o Antigo Testamento eram as escrituras usadas pelos apóstolos e na qual respaldavam seus ensinamentos. Encontramos, porém, no Novo Testamento, o ensino do dízimo abordado de outra forma, nos argumentos em favor de uma visão mais exaltada do ministério cristão e seu direito à justa remuneração. Como já foi visto, persevera após ela. Na epístola aos Hebreus, capítulo sete, menciona-se a exclusividade dos levitas para recolher o dízimo dentro do sistema Mosaico. O autor de Hebreus aproveita a oportunidade para chamar a atenção de que em Abraão (antepassado dos levitas) Levi, havia dado os dízimos para um sacerdote superior, instituído por Deus, Melquizedeque é representante do sacerdócio de Cristo, superior ao aarônico e levita. Aqui, mais uma vez, o dízimo é mencionado em sua anterioridade ao sistema levítico e é declarada a sua natureza sagrada e exclusiva para o ministério, servindo inclusive, para identificar a importância do ministério não levítico de Melquizedeque, pois que esse recebeu dízimos do próprio Abraão. Embora não seja o propósito directo da passagem em questão, somos levados a pensar, se, os dízimos dados a Melquizedeque, não apontam para o princípio da manutenção sacerdotal que passa por Moisés, chega ao Novo Testamento e permanece até os dias actuais, lembrando que o actual ministério é uma extensão, na terra, daquele que está sendo desenvolvido pelo Salvador no Santuário do Céu. Não é o ministério da igreja, por meio dos que "vivem do evangelho", uma extensão do ministério salvador de Cristo? O Fariseu, estrito cumpridor da Lei, não esquecia de devolver seu dízimo fiel, mesmo que fosse "do endro e do cominho" (Lc 18:12). Embora sua negligência da justiça, misericórdia e fé merecesse a reprovação de Jesus, o Salvador não deixou passar a oportunidade para reiterar o princípio da fidelidade nos dízimos: "Fazei estas coisas sem omitir aquelas". Ou seja, "não use o dízimo para negligenciar a misericórdia, não use a misericórdia para negligenciar o dízimo" (Lc 11:42; Mt 23:23). Uma advertência do próprio Salvador contra a religião unilateral. 6 Interessante notar que, os fariseus acusavam Jesus de muitas coisas, porém jamais de não ser dízimista ou pregar contra esse sistema. Esse aspecto se torna mais relevante quando é lembrado que o salvador condenava a avarice dos fariseus (Mt 23:14, 16, 17; Lc 16:14), descritos nos Evangelhos como uma elite cultural e religiosa da época (Mt 23:2). Além disso, suas disputas pelos cargos sacerdotais e as corrupções decorrentes não foram suficientes para impedir de Jesus fazer o apelo pela lealdade do dízimo: "fazei estas coisas". A defesa de Paulo para remuneração dos ministros do evangelho, tem sua base argumentativa nos textos do Antigo Testamento que se referem às entradas que mantinham os sacerdotes (I Co 9:6-14). Segundo ele. 1) Havia apóstolos que não trabalhavam secularmente (v.6). 2) Pagar ministros era uma prescrição da lei (v. 8 e 9), e esta o fazia pelo sistema de dízimos (Nm 18). 3) O verso 13, diga-se, é uma referência directa do dízimo. Pois baseia seu apelo para o pagamento de ministros da igreja no direito dos sacerdotes e levitas que tinham seu sustento garantido pelo dízimo, a principal de suas entradas. Afinal não eram os sacerdotes e levitas os únicos que se podiam chegar ao altar e prestar o serviço sagrado no Templo (Nm 18:20-26)? 4) Essa parte, devida aos sacerdotes, é um direito do qual já estavam fazendo uso (vv.10 e 12). 5) O mesmo sistema deve ser usado para os ministros do evangelho (v.14). 6) Um direito do qual Paulo abriu mão (I Co 9:12,15), entre os coríntios (2Co 11:7), mas por causa da contestação do seu apostolado (2Co 11:5,6) e para não dar ocasião aos falsos apóstolos (2Co 11:8 a 13), no entanto usou desse direito aceitando salário de outras igrejas (2Co 11:8). 7) Esse é um direito tão natural, segundo o apóstolo, como de alguém que planta uma vinha (I Co 9:7; Dt 20:6) e dela cuida (Pv 27:18). Além disso, pagar os pastores é justo, especialmente aos que servem na pregação e no ensino (ITm 5:17-18). Deve ser feito de tal maneira que não desperte ganância (I Pe 5:2). Afinal, o objectivo é eu o pastor, pago pela igreja, não se embarace com coisas desta vida e assim, sirva bem à casa de Deus (2Tm 2:4). Vê-se pois, que, mesmo antes de Moisés, o sistema de manutenção dos ministros de Deus era basicamente pelo dízimo; assim foi durante a teocracia em Israel para a manutenção dos levitas e sacerdotes do Templo de Jerusalém; foi sancionado por Jesus; a manutenção dos ministros do evangelho foi defendida por Paulo usando a linguagem e as ideias do sacerdócio levítico do AT; e, uma vez que a Bíblia não apresenta nenhum outro sistema, parece lógico concluir que esse é o plano que deve ser usado hoje em dia na igreja. Qualquer outro sistema assume a condição de uma criação meramente humana tentando substituir o plano de Deus. O Segundo Dízimo Além do (a) dízimo

levítico (Nm 18; Lv 27), as hipóteses de estudiosos defendem ora (b) dois dízimos (um para adoração em família e os pobres e o outro para os levitas e sacerdotes, ora (c) três dízimos (levitas, pobres e para a família, elevando os donativos dos israelitas a um montante fixo de 30% de suas rendas sem contar as doações especiais já mencionadas neste trabalho). Há referência também ao dízimo do rei, um sistema de impostos, que não será discutido aqui visto não envolver o tema deste estudo. As passagens em contraste com Números e Levítico acima mencionadas são Deuteronômio 12:6-18; 14:22-28; 26:12-14. Vejamos: 1) Deuteronômio 12:5-18. Promovendo a adoração em família. A ênfase está no uso de uma décima parte das rendas para a adoração em família. Os servos e o levita estariam presentes como participantes. O lugar mencionado nesta passagem é uma referência ao local onde estivesse o tabernáculo, Templo israelita. O levita não recebia esse dízimo pois era apenas um convidado ao banquete religioso da família. 2) Deuteronômio 14:22-28. Lembrando dos pobres, viúvas e órfãos. Basicamente o mesmo conteúdo da passagem anterior com algumas informações adicionais. O banquete seria realizado a cada ano, evidentemente dentro do círculo sabático, isto é, ao terceiro e sexto anos. Caso o adorador morasse longe e fosse dificultoso transportá-lo, esse dízimo poderia ser vendido, se fosse de produtos agro-pecuários, e trocado por dinheiro (o que não era permitido fazer com o dízimo dos sacerdotes), e levado ao local do templo e no lugar determinado ele faria a festa. Nos outros anos o banquete deveria ser realizado em casa e a lista de convidados, desta vez, seria aumentada estendendo-se aos pobres, viúvas e órfãos. Mais uma vez é o adorador que faz uso desse dízimo ao seu bel-prazer e o levita não recebe, ele é, novamente apenas mais um convidado, como os demais, visto não ter "herança na terra". Será visto em seguida alguns comentários sobre Dt.14:22-28: Diz Adam Clark: Trata-se do segundo dízimo que eles deviam comer, v.23. Havia um primeiro dízimo que era dado aos levitas do qual pagavam a décima parte aos sacerdotes. Nm 18:24 a 28; Ne 10:37 a 38. Então, do restante, o proprietário separava um segundo dízimo, que ele comia perante o Senhor no primeiro e no segundo ano; e no terceiro ano era usado para os levitas e os pobres, Dt 14:28 a 29. No quarto e quinto anos ele era comido novamente pelos proprietários, e no sexto era dado aos pobres. O sétimo ano era um Sábado, para a terra, e então todas as coisas eram comuns. Diz o The New Bible Commentary: Assim é para ser entendido do Segundo dízimo, que parece ser o mesmo dízimo do terceiro ano mencionado logo abaixo, v. 28 e Dt 26:12, o qual pode ser visto acima no capítulo 12:17 (...) deste dízimo é dito ser um ato do povo, Dt 26:12, e os levitas não são mencionados em ambos os lugares como recebedores, mas apenas como participantes juntamente com os proprietários... Matthew Poole: Quando Moisés falou estas palavras o princípio do dízimo já era bem aceito em Israel. (...) Para assinalar a sacralidade do todo, um percentual definido era colocado de lado e dedicado no Santuário. Este é o chamado 'segundo dízimo', em contraste com o dízimo dos produtos dados para manter os levitas (ver Nm 18:26-28) ... 3) Deuteronômio 26:12-14. Nesta Passagem tem-se a última referência sobre este dízimo especial ou segundo dízimo, sendo que a ênfase no seu uso a cada terceiro ano. Mais uma vez o adorador usa e administra este dízimo como quer, sendo o pobre e o levita apenas convidados para a festa. Mas uma vez o levita não recebe, apenas dele participa. Pode-se concluir-se, pois, com razoável segurança que as três passagens dos capítulos 12, 14 e 26 de Deuteronômio se completam. A conclusão, que pode ser tirada por uma atenta leitura, é claramente compartilhada por Ellen G. White: A fim de promover a reunião do povo para o serviço religioso, bem como para se fazerem provisões para os pobres, exigia-se um segundo dízimo de todo o lucro. Com relação ao primeiro dízimo, declarou o Senhor: 'Aos filhos de Levi tem dado todos os dízimos em Israel'. Nm 18:21. Mas em relação ao segundo ele ordenou: 'Perante ao Senhor teu Deus, no lugar que escolher para fazer ali habitar o seu nome, comereis os dízimos do teu grão, do teu mosto, e do teu azeite, e o primogênito das tuas vacas e das tuas ovelhas: para que aprendam a temer o Senhor teu Deus todos os dias. Deuteronômio 14:23 e 29; 16:11 a 14. Esse dízimo, ou o seu equivalente em dinheiro, deviam por dois anos trazer ao lugar em que estava estabelecido o Santuário. Depois de apresentarem uma oferta de agradecimento a Deus, e uma especificada porção ao sacerdote, os ofertantes deviam fazer uso do que restava para uma festa religiosa, da qual deviam participar os levitas, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas. Assim tomavam-se providências para as ações de graças e festas, nas solenidades anuais, e o povo era trazido à associação com os sacerdotes e levitas, para que pudessem receber instrução e animação no serviço de Deus. A cada terceiro ano, entretanto, este segundo dízimo devia ser usado em casa, hospedando os levitas e os pobres, conforme Moisés dissera: 'Para que comam dentro das tuas portas, e se fartem'. Dt 26:12. Este dízimo proveria um fundo para fins de caridade e hospitalidade. Apesar de haver comentaristas que defendem a existência de duas legislações: uma para o povo quando vagueava no deserto, em Nm 18, e outra para o povo já estabelecido em Canaã, em Dt 12, 14 e 26, conforme já mencionado anteriormente, a Enciclopédia Judaica comunga com o pensamento de um segundo dízimo, com aplicações diferentes, nos termos apresentados, basicamente por Ellen G. White: Maaser Sheni, heb., 2º. Dízimo. Oitavo tratado (7º em alguns códigos) na ordem mishnaica de Zeraim, contendo cinco capítulos (...) Trata, principalmente, dos dízimos comidos em Jerusalém (Dt 14:22 a 27) e a maneira de resgatá-los em dinheiro. Declara ainda: Maaserot ou Maaser Rishon (em heb., 'dízimo' ou '1º dízimo' (...)). Trata-se do dízimo dado ao levita (Nm 18:21). Maaser (dízimo). Uma décima parte da produção. Esta costumava ser separada como oferta religiosa. Esse costume tem origem antiga, como por exemplo, Abraão dando o dízimo 'um décimo de tudo' a Melquizedeque (Gn 14:18 a 20). A lei judaica relaciona vários dízimos obrigatórios. (1) Primeiro dízimo (Nm 18:24) dado aos levitas, depois da separação da terumah (oferta retirada) para os sacerdotes; no tempo do segundo Templo este dízimo também era dado aos sacerdotes. A Mishnah em seu tratado Maaserot trata desse dízimo. 2) Segundo dízimo (Lv 27:30 a 31; Dt 14:22 a 26), isto é um décimo adicional tomado depois do 1º dízimo. Este era consumido pelo próprio dono em Jerusalém. Usava-se durante os 1º, 2º, 4º e 5º ano do ciclo sabático. Os pomenores estão no tratado do Maaser Sheni. 3) Dízimos dos pobres (Dt 14:28 a 29 e 26:12) dado aos pobres e substituindo o segundo dízimo no 3º e 6º ano do ciclo sabático. 4) Dízimos dos animais (Lv 27:32) escolhidos na contagem feita três vezes no ano e oferecidos em sacrifício pelo dono (Veja tratado Bekhorot). Os levitas tinham que pagar um dízimo que eles próprios recebiam (Nm 18:26). O sistema do primeiro dízimo subsiste nas Escrituras como parte do plano divino para a manutenção do ministério. Como já foi visto, tal prática acontece a Moisés e subsistia antes do Santuário e do próprio Israel. Não acontece o mesmo com o segundo dízimo. Ele está intimamente ligado (conforme Dt 12, 14, 26) ao sabático que ocorria de sete em sete anos. A tabela abaixo é ilustrativa das diferenças entre os diversos dízimos (foram incluídos aqui os impostos reais, chamados de dízimos): O DÍZIMO DE DEUS O DÍZIMO DOS POBRES O DÍZIMO DO REI Dado aos sacerdotes e levitas. Nm 18:20-26 e Lv 27:30-31. 1. Dado somente e totalmente aos levitas. 2. Armazenado no templo Mt 3:8-10. 3. Não usado pelo adorador. 4. Não trocado ou vendido. 5. O levita recebia e dizimava. 6. Visava sustentar os ministros religiosos de Israel. 7. Manter o serviço ministerial. 8. Um ato de fé: "faizei prova de mim..." 9. Pré-Mosaico, sancionado por Jesus. Gn 14:28; Mt 23:23. 10. Permanece com o pastor, actual ministro do altar. ICo 9:13,14. Para a família no 1º, 2º, 4º e 5º e para os pobres no 3º e 6º anos do ciclo de sete anos Dt 12, 14 e 26; pp. 565. 1. Levitas apenas convidado. 2. Não armazenado no templo nem dado ao levita. 3. Era usado pelo adorador. 4. Podia ser trocado e vendido. 5. O levita não dizimava pois não recebia. 6. Visava sustentar os pobres. 7. Visava festas familiares. 8. Ato de caridade. 9. Apenas Mosaico, ligado ao Templo. 10. Findou com o fim dos serviços do Templo. Um imposto qualquer a título de dízimo. I Sm 8:11 a 17. 1. Imposto real. 2. Levado ao Tesouro do rei. 3. Usado pelo rei. 4. O rei administrava. 5. O rei devia dizimar. 6. Visava sustento do rei. 7. Visava sustento do rei. 8. Ato compulsório. 9. Monárquico apenas. 10. Findou com o fim da monarquia. Conclusão Nessa questão é preciso lembrar que toda uma comunidade, um verdadeiro exército, deveria ser mantido pelo sistema de dízimo, sob pena de abandono do seu ministério para cuidar da sobrevivência. A decisão exclusiva era indispensável e precisaria ser mantida com um sistema consistente e esse sistema é o de um dízimo exclusivo para os levitas e sacerdotes, daí a necessidade de um constante reavivamento nessa área. Basta calcular que a condição financeira dos levitas seria, aproximadamente, nesse sistema, a média da situação de todas as demais tribos, sem implicar necessariamente, em enriquecimento. A ideia do dízimo, como interpretada a partir de Deuteronômio, sendo usada para os levitas, pobres e outros crentes, misturadamente, encontra-se isolada na Escritura, que postula antes e depois, um dízimo exclusivo para os levitas e sacerdotes, e outro para adoração em família e para os pobres (um segundo dízimo). Além disso, parece que a consequência

natural dessa interpretação (um único dízimo não exclusivo para os levitas) leva a tribo de Levi ao empobrecimento, deixando-a ao nível dos pobres mendicantes. Também não teria sentido apelar para trazer os "dízimos à casa do Tesouro" (Ml 3:8-10), ao Templo em Jerusalém, com sua tesouraria específica (Ne 12:44), se os dízimos deveriam ser usados pelos adoradores, desde a época deuteronomica, como querem alguns. Como explicar o conflito em Números 18 versus Deuterônimo 12, 14 e 26? As soluções de qualquer modo, frente à história posterior de Israel, resultam na final permanência de um único dízimo exclusivo para sacerdotes. Como dizer que deveriam os levitas receber da tesouraria do Templo, os dízimos arrecadados das cidades, conforme a lei prescrevia (2Cr 31:2-21)? Então, não eram entregues directamente aos levitas e nem usados pelo adorador. Se já houvessem (os levitas) recebido directamente do adorador, ou estes os usasse como bem quisesse, para que, então, tesouraria de dízimos no Templo? Ou o pensamento deuteronomico trata de um segundo dízimo, conforme vimos, ou então, esta é uma questão irreconciliável, perdida no mundo das hipóteses. Conclui-se, portanto, pela ideia de que na Bíblia aparecem dois dízimos diferentes e separados. Um destinado, anteriormente, aos levitas e sacerdotes e, hoje, ao pagamento de ministros do evangelho, e o outro destinado à adoração em família e atendimento aos necessitados. Este segundo dízimo, entre outras doações do sistema mosaico, apresenta-se como um referencial básico para as ofertas que, segundo Paulo, devem ser dadas "não com tristeza nem por necessidade" mas com "alegria" (2Co 9: 6 a 12), lembrando a alegria que, segundo Deuterônimo deveria acompanhar a sua entrega (Dt 12:6, 7, 12, 18; 14:26; 26:14), a qual, enfatiza, não deveria ser feita com "tristeza" (Dt 26:14). Um reavivamento e retorno ao modelo bíblico de liberalidade e administração fiel do fundo sagrado, seja por parte de nossas instituições ou individualmente, mediante a instrução pastoral, ainda se faz necessário em nossos dias como o foi, algumas vezes no passado. Num mundo onde a corrida pelo dinheiro tomou lugar do amor a Deus e à sua obra no coração de muitos professos cristãos, certamente, esse exemplo, dos fiéis israelitas às determinações divinas, é uma lição de liberalidade, nos dízimos e nas ofertas, digna de ser imitada hoje pelos verdadeiros adoradores, que amam mais a Deus do que a Mamom, e querem preparar o mundo para a breve volta do Senhor Jesus. Josemontrond@gmail.com Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a afeição, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim. Atos 17:11 "Examinais as Escrituras", declarou Cristo, "porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de Mim testificam" (Jo 5:39). Os que cavam abaixo da superfície descobrem às escondidas pedras preciosas da verdade. O Espírito Santo acha-Se presente com o sincero indagador. Sua iluminação resplandece sobre a Palavra, gravando a verdade na mente com nova importância. O pesquisador enche-se de um senso de paz e alegria nunca antes experimentadas. A preciosidade da verdade é compreendida como nunca antes. Uma nova luz celeste brilha sobre a Palavra, iluminando-a como se cada letra se tingisse de ouro. O próprio Deus falou à mente e ao coração, tornando a Palavra espírito e vida. Todo sincero pesquisador da Palavra ergue o coração a Deus, implorando o auxílio do Espírito. E descobre em breve aquilo que o leva acima de todas as fictícias declarações do pretense mestre e falso profeta Inácio Cunha, cujas teorias fracas e vacilantes não são apoiadas pela Palavra do Deus vivo. Essas teorias foram inventadas por que não aprenderam a primeira grande lição de que o Espírito e a vida de Deus Se encontram em Sua Palavra. Caso houvesse recebido no coração o elemento eterno contido na Palavra de Deus, veria quão débeis e inexpressivos são todos os esforços para arranjar algo novo que cause sensação. Ele necessita aprender mesmo os elementares princípios da Palavra de Deus; teria então a palavra de vida para o povo, que distinguirá em breve a palha do trigo, pois Jesus deixou Sua promessa com os discípulos. [...] "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo" (Jo 14:27). Essas palavras não são inteiramente compreendidas por indivíduos, famílias, ou membros da igreja, para quem ou por quem, como Sua família, Deus representaria a verdade pura, não adulterada, que quando recebida e devidamente digerida, traz vida eterna (MR21, p. 131, 132). O dízimo, como verdade bíblica, por mais que pareça um tema comum (debate-se acerca de seu uso e da forma como é solicitado pelas diversas denominações), já foi alvo de esquecimento e, ainda hoje, é objecto de distorções quanto à sua validade, finalidade e aplicação. Não podemos esquecer que: "Deus não tem mudado; o dízimo ainda deve ser usado para o sustento do ministério. O começo da obra em vários campos requer mais eficácia ministerial do que temos agora, e tem que haver fundos na tesouraria". 1 Lamentavelmente, como todas as doutrinas da escritura, o dízimo também está sendo atacado, mesmo no seio da igreja, sendo tais ataques ajuntados a uma velada ou explícita resistência à organização devido a eventuais erros que possam estar sendo cometidos em seu seio ou mesmo por injustificada suspeita de as coisas não estarem sendo bem dirigidas. Questionam-se os motivos dos que pedem para a obra e muitas vezes alimentam-se sentimentos de que está sendo enganado ou defraudado, como resultado perde-se a noção de uma sagrada reserva, e é prejudicado o avanço da obra que deve ir até os confins da terra. Pretende-se apenas revisar, aqui, sucintamente, os ensinamentos bíblicos de uma perspectiva da Igreja Adventista do 7º Dia IASD. Neste estudo será abordado, também, o assunto das ofertas, uma vez que está ligado ao tema principal deste estudo (Ml. 3: 8). O Antigo Testamento faz referência ao dízimo 35 vezes e o Novo Testamento dez vezes. Tais passagens serão citadas e examinadas na medida das possibilidades deste artigo, mais à frente. Vale a pena lembrar a advertência aos pastores e a igreja: Alguns deixam de educar o povo a cumprir com todo o seu dever. Pregam parte de nossa fé que não cria oposição ou desagrada aos ouvintes, mas não declaram toda a verdade. O povo aprecia-lhes a pregação, mas há falta de espiritualidade porque os reclamos do Senhor não são atendidos. Seu povo não lhe dá em dízimos e ofertas o que lhe pertence. Esse roubo a Deus, praticado tanto pelos ricos como pelos pobres, traz trevas às igrejas; e o ministro que com elas trabalha, e não lhes mostra a vontade de Deus claramente revelada, é condenado com o povo, por negligenciar seu dever. Tal declaração, a meu ver, é um motivo bastante significativo, além dos textos bíblicos, para um contínuo esforço denominacional, que inclua maior compreensão, melhor emprego e, finalmente, mais fidelidade nesta área. A Teologia do Dízimo nas Escrituras Reconhecendo a autoridade do dízimo em relação a lei mosaica (Gn. 14: 20; 28: 22; Hb. 7: 5 – 10), pode ser entendido que o sistema é independente do sacerdócio levítico, reconhecido e praticado mesmo por Abraão, o maior dos patriarcas, o pai da fé. Aliás, fé é o elemento chave, para a fidelidade a Deus, especialmente neste assunto. A fidelidade requer confiança total na promessa de Deus (Ml. 3: 10 – 13). Foi somente após a saída dos israelitas do Egito que o dízimo foi regulamentado para o sistema levítico. Ele era dado ao levita, devido a não ter "herança na terra", isto é, ele vivia exclusivamente para o serviço religioso e isso lhe dava direito a todos os dízimos (Lv 27: 30 – 34). Como oferta para o ministério o dízimo pertence realmente a Deus, não deve ser trocado sob pena de multa de um quinto, ou seja, vinte por cento, e em se tratando de dízimos de animais a sua troca implicaria na perda do trocado, isto é, multa de cem por cento, para quem tentasse obter lucro trocando um dízimo gordo por uma substituição mais magra. A lei fazia clara proibição, que desestimulava as artimanhas do coração egoísta enfatizando: " não esquadrinharás entre o bom e o ruim:" Sua entrega deveria ser feita somente aos levitas, que actuavam como sacerdotes e, que dariam à família de Arão, o dízimo dos dízimos (Nm. 18:20-26; Ne. 10:37-38; 12:44; 13:5-12). Sendo anterior a Moisés e proclamando o princípio de que Deus é o verdadeiro dono de tudo, exercendo um convite a liberdade e denunciando o coração egoísta e avarento, nutrido a obra de Deus com dádivas altruístas de um coração convertido e liberal, fazendo sentido as palavras realmente inspiradas: " O sistema especial do dízimo baseia-se em um princípio tão duradouro como a Lei de Deus". Reivindicando ter recebido luz directa de Deus, Ellen G. White repudia a acção de um homem, entre outros, que proclamava a não devolução do dízimo. Suas palavras ainda definem o assunto como "terra santa" e apela com sensibilidade: "Como causa então o homem até mesmo pensar em seu coração que uma sugestão para reter o dízimo e ofertas vem do Senhor? Onde, meu irmão, vos desviastes do caminho? Oh, ponde vossos pés de novo no caminho reto!" O Dízimo no Antigo Testamento Antes que tenhamos maiores comentários, o esboço a seguir ajudará a compreender as rendas do Templo e suas finalidades: 1) Para os sacerdotes (levitas da família de Arão), conforme Números 18:9-26 e Levítico 5:15; 7:35 destacamos: a) Todas as ofertas que não eram queimadas. b) Toda coisa consagrada a Deus por voto. c) Todas as primícias. d) Todos os primogênitos dos animais. e) O dízimo dos dízimos dado pelos levitas. 2) Para os levitas (Nm 18:21-32) — Os dízimos de tudo em Israel. 3) Para os pobres destinava-se um segundo dízimo. Dt. 12, 14, 26. Sobre esse segundo dízimo falaremos mais adiante. Havia também outras provisões

mosaicas destinadas a proteger os desafortunados como a respiga e o ano sabático (Dt. 24:19-20, 25:9-10), mas este é o assunto do presente estudo. 4) Para a construção, reforma e manutenção do Templo. a) O imposto anual b) O dinheiro do resgate das pessoas. c) Colecta feita pelos sacerdotes. d) Ofertas voluntárias trazidas ao Templo. Mesmo respeitando os limites deste trabalho, nos perguntamos como foram administrados os dízimos e ofertas em Israel? Os exemplos seguintes nos ajudarão a compreender alguns aspectos da questão: Sob Joás. A reforma de Joás, (cerca de 835 a 796 a.C.) foi uma reforma do Templo e dos seus serviços. Essa empreitada de arrecadação de fundos, para usar uma linguagem bem actual, foi encomendada pelo rei aos sacerdotes. Estes deveriam sair pelas cidades de Judá e levantar dinheiro de todo Israel com o objectivo de reparar "a casa do vosso Deus de ano em ano" (2Cr 24:2-14). Também cobrou ação dos levitas quanto ao "imposto de Moisés" que havia sido instituído para esse fim (v.6). Após haverem conclamado a nação, os levitas receberam esse dinheiro dos israelitas até que a obra foi concluída (vv. 9-10). Esse imposto anual, foi estabelecido no deserto com o objectivo específico de manter e reformar o Templo e correspondia a metade de um siclo "segundo o siclo do santuário" (Êx. 30:11-16). O dicionário diz que o siclo era uma moeda dos judeus, de prata pura e que pesava seis gramas. O shekel ou siclo, era uma moeda de prata pura (meio siclo) que cada um pagava para os gastos de "reparação do Templo e para os sacrifícios, para o perdão do povo. O prazo do pagamento era do dia primeiro ao dia quinze do mês de Adar. Este costume continua até nossos dias, ..." Todo judeu adulto era obrigado a recolher anualmente este imposto e, especificamente nesta época de Joás, estava sendo depositado numa arca de ofertas, no Templo (2Cr 24:8). Além do imposto do Templo, Joás usou para as despesas da reforma o dinheiro do resgate das pessoas (Lv 27:1-15), as ofertas voluntárias (2Rs 12:4). E a arrecadação feita pelos sacerdotes (2Rs 12:5). Os dízimos continuavam exclusivos para o sacerdócio. Sob Ezequias. Mentor de uma reforma espiritual que chamava todo o povo para um reavivamento, o rei Ezequias (729 a 686 a.C.) tomou medidas financeiras para restaurar a actividade do Santuário (2Cr 31:2-21). O rei custearia as cerimónias diárias da manhã e da tarde, dos sábados, luas novas e festas fixas, conforme a lei do Senhor (v. 3 e Nm 28:1-29). O povo contribuiria com a parte devida aos sacerdotes e levitas, que eram os dízimos e as ofertas (v. 4-6 e Nm 18) e o fez com tal abundância que foi necessário preparar novos depósitos (v.11), e ali recolher fielmente as ofertas, os dízimos e as coisas consagradas (v.12). Havia dois grupos encarregados de administrar as entradas, em separado: (1) Um intendente e sua equipa para os dízimos e porções dos sacerdotes nominalmente. Recebiam o pagamento apenas os que estavam oficialmente registrados como ministros de Deus (vv. 17-19). Eles não recebiam os dízimos directamente dos adoradores, mas da tesouraria centralizada que coordenava toda a distribuição das porções dos dízimos e rendas dos que, não tendo outra actividade, viviam somente para o serviço religioso da obra do Senhor (vv. 14, 15 e 19). As porções eram para todos os levitas, sem discriminação. (2) Outro intendente levita, Core, e a sua equipa controlava as ofertas e sua distribuição aos que serviam no Templo em seus turnos (vv. 14-16). A reforma de Ezequias obedeceu às directrizes que se encontravam nas leis e mandamentos de Deus (v.21). Não eram ideias de organização originais do rei, mas um retorno ao modelo divino abandonado durante a apostasia. Deus as aprovou e abençoou, uma vez que foram declaradas boas, retas e verdadeira (vv. 20 e 21). Os dízimos continuavam exclusivos para o sacerdócio. Sob Josias. A reforma posterior, do rei Josias (640 a 609 a.C.), seguiu o mesmo padrão de Joás e Ezequias. As ofertas voluntárias e o imposto continuavam ainda a serem depositadas na caixa à porta do Santuário (2Rs 22:1-7; 2Cr 24:8-10; 31:14). Sob Neemias. Depois de recolhidos, em produtos diversos, os dízimos e as ofertas, eram levados a depósitos próprios para cada dádiva, como menciona Neemias (12:44). Esse procedimento chama a atenção, uma vez que tratava-se de uma reforma espiritual que ocorria após o retorno do cativo (ca. 444 a.C.). Tal reforma foi seguida de um apelo a devolução das porções prescrita na lei e envolviam ofertas, primícias, dízimos e outras de acordo com a Torah. Tendo determinado depósitos específicos para cada oferta, afim de não misturar entradas que tinham finalidades diferentes, Neemias também elegeu tesoureiros, centralizou a entrega dos recursos no Santuário de onde se distribuíam as porções aos levitas e sacerdotes, cada um em sua função. É sintomática a preferência por um centro recebedor e uma fiel equipa de sacerdotes que fizesse a distribuição "a seus irmãos" ficando uma equipa em Jerusalém para os sacerdotes e outras nas cidades dos levitas (Ne 12:44-47; 13:10-13). O ministério de Malaquias. Em Malaquias 3:8-10 (ca. 400 a.C.), o profeta refere-se a essa Casa do Tesouro do Templo, com a sua administração e organização, na qual os dízimos não eram misturados com as ofertas e coisas consagradas, mas tinham seu controle por um corpo de levitas nomeado especialmente para receber e dar as porções aos sacerdotes. A ênfase de Malaquias é a falta de bênçãos em virtude de não devolverem os dízimos fielmente, pois deveriam trazê-lo a Jerusalém sob a supervisão dos sacerdotes (dízimos dos dízimos e ofertas especiais) e manter a porção dos levitas em suas cidades para que os tesoureiros, também levitas, fizessem a distribuição conforme fosse necessário. Segundo McConville, mencionado por E. E Carpenter, já citado acima, Neemias representa a mais antiga tradição acerca do uso do dízimo e deriva de Deuteronomio e Números. Não podemos esclarecer, evidentemente, todos os detalhes referentes ao uso do dízimo levítico em Israel, mas podemos, com razoável segurança entender que esse dízimo era a a décima parte das rendas do adorador, obrigatória, que não podia ser trocada ou resgatada, no todo ou em parte, era consagrada ao ministério, não podendo ser utilizada para nenhuma outra finalidade ou serviço, mesmo do Santuário, e que sua administração não era feita pelos sacerdotes individualmente e nem pelo adorador, mas por uma equipa designada dentre os próprios levitas; além do mais, é dito pertencer a Deus e por isso deve ser devolvida (Lv 27; Ml 3:8-10). Por outro lado, quanto às ofertas, elas pertencem ao homem (Dt 16:10), o critério de quanto dar é do homem (Dt 16:17), podem ser usadas para várias finalidades (êx 30:12, 13; 2Cr 31:14; 24:6, 9; Ne 10:32), por isso damos. Foi a liberdade e obediência dos israelitas ao princípio desses usos adequados nas diversas ofertas que possibilitou toda a construção, manutenção e reformas do Templo em várias épocas sem lançar mãos do dízimo, conforme Deus prescrevera. O Dízimo no Novo Testamento A palavra dízimo não é usada de forma directa nas instruções à igreja sobre o assunto, no entanto é bom lembrar que a omissão não invalida a doutrina e nem o Novo Testamento se destinava a ser o instrumento único que vai estabelecer as doutrinas válidas da igreja. Uma doutrina não precisa ser repetida nos escritos neotestamentários para ser validada. Aliás, o Antigo Testamento eram as escrituras usadas pelos apóstolos e na qual respaldavam seus ensinamentos. Encontramos, porém, no Novo Testamento, o ensino do dízimo abordado de outra forma, nos argumentos em favor de uma visão mais exaltada do ministério cristão e seu direito à justa remuneração. Como já foi visto, persevera após ela. Na epístola aos Hebreus, capítulo sete, menciona-se a exclusividade dos levitas para recolher o dízimo dentro do sistema Mosaico. O autor de Hebreus aproveita a oportunidade para chamar a atenção de que em Abraão (antepassado dos levitas) Levi, havia dado os dízimos para um sacerdote superior, instituído por Deus. Melquizedeque é representante do sacerdócio de Cristo, superior ao aarónico e levita. Aqui, mais uma vez, o dízimo é mencionado em sua anterioridade ao sistema levítico e é declarada a sua natureza sagrada e exclusiva para o ministério, servindo inclusive, para identificar a importância do ministério não levítico de Melquizedeque, pois que esse recebeu dízimos do próprio Abraão. Embora não seja o propósito directo da passagem em questão, somos levados a pensar, se, os dízimos dados a Melquizedeque, não apontam para o princípio da manutenção sacerdotal que passa por Moisés, chega ao Novo Testamento e permanece até os dias actuais, lembrando que o actual ministério é uma extensão, na terra, daquele que está sendo desenvolvido pelo Salvador no Santuário do Céu. Não é o ministério da igreja, por meio dos que "vivem do evangelho", uma extensão do ministério salvador de Cristo? O Fariseu, estrito cumpridor da Lei, não esquecia de devolver seu dízimo fiel, mesmo que fosse "do endro e do cominho" (Lc 18:12). Embora sua negligência da justiça, misericórdia e fé merecesse a reprovação de Jesus, o Salvador não deixou passar a oportunidade para reiterar o princípio da fidelidade nos dízimos: "Fazei estas coisas sem omitir aquelas". Ou seja, "não use o dízimo para negligenciar a misericórdia, não use a misericórdia para negligenciar o dízimo" (Lc 11:42; Mt 23:23). Uma advertência do próprio Salvador contra a religião unilateral. 6 Interessante notar que, os fariseus acusavam Jesus de muitas coisas, porém jamais de não ser dízimista ou pregar contra esse sistema. Esse aspecto se torna mais relevante quando é lembrado que o salvador condenava a avareza dos fariseus (Mt 23:14, 16, 17; Lc 16:14), descritos nos Evangelhos como uma elite cultural e religiosa da época (Mt 23:2). Além disso, suas disputas pelos cargos sacerdotais e as corrupções decorrentes

não foram suficientes para impedir de Jesus fazer o apelo pela lealdade do dízimo: "fazer estas coisas". A defesa de Paulo para remuneração dos ministros do evangelho, tem sua base argumentativa nos textos do Antigo Testamento que se referem às entradas que mantinham os sacerdotes (I Co 9:6-14). Segundo ele. 1) Havia apóstolos que não trabalhavam secularmente (v.6). 2) Pagar ministros era uma prescrição da lei (v. 8 e 9), e esta o fazia pelo sistema de dízimos (Nm 18). 3) O verso 13, diga-se, é uma referência directa do dízimo. Pois baseia seu apelo para o pagamento de ministros da igreja no direito dos sacerdotes e levitas que tinham seu sustento garantido pelo dízimo, a principal de suas entradas. Afinal não eram os sacerdotes e levitas os únicos que se podiam chegar ao altar e prestar o serviço sagrado no Templo (Nm 18:20-26)? 4) Essa parte, devida aos sacerdotes, é um direito do qual já estavam fazendo uso (vv.10 e 12). 5) O mesmo sistema deve ser usado para os ministros do evangelho (v.14). 6) Um direito do qual Paulo abriu mão (I Co 9:12,15), entre os coríntios (2Co 11:7), mas por causa da contestação do seu apostolado (2Co 11:5,6) e para não dar ocasião aos falsos apóstolos (2Co 11:8 a 13), no entanto usou desse direito aceitando salário de outras igrejas (2Co 11:8). 7) Esse é um direito tão natural, segundo o apóstolo, como de alguém que planta uma vinha (I Co 9:7; Dt 20:6) e dela cuida (Pv 27:18). Além disso, pagar os pastores é justo, especialmente aos que servem na pregação e no ensino (ITm 5:17-18). Deve ser feito de tal maneira que não desperte ganância (IPe 5:2). Afinal, o objectivo é eu o pastor, pago pela igreja, não se embarace com coisas desta vida e assim, sirva bem à casa de Deus (2Tm 2:4). Vê-se pois, que, mesmo antes de Moisés, o sistema de manutenção dos ministros de Deus era basicamente pelo dízimo; assim foi durante a teocracia em Israel para a manutenção dos levitas e sacerdotes do Templo de Jerusalém; foi sancionado por Jesus; a manutenção dos ministros do evangelho foi defendida por Paulo usando a linguagem e as ideias do sacerdócio levítico do AT; e, uma vez que a Bíblia não apresenta nenhum outro sistema, parece lógico concluir que esse é o plano que deve ser usado hoje em dia na igreja. Qualquer outro sistema assume a condição de uma criação meramente humana tentando substituir o plano de Deus. O Segundo Dízimo Além do (a) dízimo levítico (Nm 18; Lv 27), as hipóteses de estudiosos defendem ora (b) dois dízimos (um para adoração em família e os pobres e o outro para os levitas e sacerdotes, ora (c) três dízimos (levitas, pobres e para a família, elevando os donativos dos israelitas a um montante fixo de 30% de suas rendas sem contar as doações especiais já mencionadas neste trabalho). Há referência também ao dízimo do rei, um sistema de impostos, que não será discutido aqui visto não envolver o tema deste estudo. As passagens em contraste com Números e Levítico acima mencionadas são Deuteronômio 12:6-18; 14:22-28; 26:12-14. Vejamos: 1) Deuteronômio 12:5-18. Promovendo a adoração em família. A ênfase está no uso de uma décima parte das rendas para a adoração em família. Os servos e o levita estariam presentes como participantes. O lugar mencionado nesta passagem é uma referência ao local onde estivesse o tabernáculo, Templo israelita. O levita não recebia esse dízimo pois era apenas um convidado ao banquete religioso da família. 2) Deuteronômio 14:22-28. Lembrando dos pobres, viúvas e órfãos. Basicamente o mesmo conteúdo da passagem anterior com algumas informações adicionais. O banquete seria realizado a cada ano, evidentemente dentro do círculo sabático, isto é, ao terceiro e sexto anos. Caso o adorador morasse longe e fosse dificultoso transportá-lo, esse dízimo poderia ser vendido, se fosse de produtos agro-pecuários, e trocado por dinheiro (o que não era permitido fazer com o dízimo dos sacerdotes), e levado ao local do templo e no lugar determinado ele faria a festa. Nos outros anos o banquete deveria ser realizado em casa e a lista de convidados, desta vez, seria aumentada estendendo-se aos pobres, viúvas e órfãos. Mais uma vez é o adorador que faz uso desse dízimo ao seu bel-prazer e o levita não recebe, ele é, novamente apenas mais um convidado, como os demais, visto não ter "herança na terra". Será visto em seguida alguns comentários sobre Dt.14:22-28: Diz Adam Clark: Trata-se do segundo dízimo que eles deviam comer, v.23. Havia um primeiro dízimo que era dado aos levitas do qual pagavam a décima parte aos sacerdotes. Nm 18:24 a 28; Ne 10:37 a 38. Então, do restante, o proprietário separava um segundo dízimo, que ele comia perante o Senhor no primeiro e no segundo ano; e no terceiro ano era usado para os levitas e os pobres, Dt 14:28 a 29. No quarto e quinto anos ele era comido novamente pelos proprietários, e no sexto era dado aos pobres. O sétimo ano era um Sábado, para a terra, e então todas as coisas eram comuns. Diz o The New Bible Commentary: Assim é para ser entendido do Segundo dízimo, que parece ser o mesmo dízimo do terceiro ano mencionado logo abaixo, v. 28 e Dt 26:12, o qual pode ser visto acima no capítulo 12:17 (...) deste dízimo é dito ser um ato do povo, Dt 26:12, e os levitas não são mencionados em ambos os lugares como recebedores, mas apenas como participantes juntamente com os proprietários... Matthew Poole: Quando Moisés falou estas palavras o princípio do dízimo já era bem aceito em Israel. (...) Para assinalar a sacralidade do todo, um percentual definido era colocado de lado e dedicado no Santuário. Este é o chamado 'segundo dízimo', em contraste com o dízimo dos produtos dados para manter os levitas (ver Nm 18:26-28) ... 3) Deuteronômio 26:12-14. Nesta Passagem tem-se a última referência sobre este dízimo especial ou segundo dízimo, sendo que a ênfase no seu uso a cada terceiro ano. Mais uma vez o adorador usa e administra este dízimo como quer, sendo o pobre e o levita apenas convidados para a festa. Mas uma vez o levita não o recebe, apenas dele participa. Pode-se concluir-se, pois, com razoável segurança que as três passagens dos capítulos 12, 14 e 26 de Deuteronômio se completam. A conclusão, que pode ser tirada por uma atenta leitura, é claramente compartilhada por Ellen G. White: A fim de promover a reunião do povo para o serviço religioso, bem como para se fazerem provisões para os pobres, exigia-se um segundo dízimo de todo o lucro. Com relação ao primeiro dízimo, declarou o Senhor: 'Aos filhos de Levi tem dado todos os dízimos em Israel'. Nm 18:21. Mas em relação ao segundo ele ordenou: 'Perante ao Senhor teu Deus, no lugar que escolher para fazer ali habitar o seu nome, comereis os dízimos do teu grão, do teu mosto, e do teu azeite, e o primogénito das tuas vacas e das tuas ovelhas: para que aprendam a temer o Senhor teu Deus todos os dias. Deuteronômio 14:23 e 29; 16:11 a 14. Esse dízimo, ou o seu equivalente em dinheiro, deviam por dois anos trazer ao lugar em que estava estabelecido o Santuário. Depois de apresentarem uma oferta de agradecimento a Deus, e uma especificada porção ao sacerdote, os ofertantes deviam fazer uso do que restava para uma festa religiosa, da qual deviam participar os levitas, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas. Assim tomavam-se providências para as ações de graças e festas, nas solenidades anuais, e o povo era trazido à associação com os sacerdotes e levitas, para que pudessem receber instrução e animação no serviço de Deus. A cada terceiro ano, entretanto, este segundo dízimo devia ser usado em casa, hospedando os levitas e os pobres, conforme Moisés dissera: 'Para que comam dentro das tuas portas, e se fartem'. Dt 26:12. Este dízimo proveria um fundo para fins de caridade e hospitalidade. Apesar de haver comentaristas que defendem a existência de duas legislações: uma para o povo quando vagueava no deserto, em Nm 18, e outra para o povo já estabelecido em Canaã, em Dt 12, 14 e 26, conforme já mencionado anteriormente, a Enciclopédia judaica comunga com o pensamento de um segundo dízimo, com aplicações diferentes, nos termos apresentados, basicamente por Ellen G. White: Maaser Sheni, heb., 2º. Dízimo. Oitavo tratado (7º em alguns códigos) na ordem mishnaica de Zeraim, contendo cinco capítulos (...) Trata, principalmente, dos dízimos comidos em Jerusalém (Dt 14:22 a 27) e a maneira de resgatá-los em dinheiro. Declara ainda: Maaserot ou Maaser Rishon ( em heb., 'dízimo' ou '1º dízimo' (...)). Trata-se do dízimo dado ao levita (Nm 18:21). Maaser (dízimo). Uma décima parte da produção. Esta costumava ser separada como oferenda religiosa. Esse costume tem origem antiga, como por exemplo, Abraão dando o dízimo 'um décimo de tudo' a Melquizedeque (Gn 14:18 a 20). A lei judaica relaciona vários dízimos obrigatórios. (1) Primeiro dízimo (Nm 18:24) dado aos levitas, depois da separação da terumah (oferenda retirada) para os sacerdotes; no tempo do segundo Templo este dízimo também era dado aos sacerdotes. A Mishnah em seu tratado Maaserot trata desse dízimo. 2) Segundo dízimo (Lv 27:30 a 31; Dt 14:22 a 26), isto é um décimo adicional tomado depois do 1º dízimo. Este era consumido pelo próprio dono em Jerusalém. Usava-se durante os 1º, 2º, 4º e 5º ano do ciclo sabático. Os por menores estão no tratado do Maaser Sheni. 3) Dízimos dos pobres (Dt 14:28 a 29 e 26:12) dado aos pobres e substituindo o segundo dízimo no 3º e 6º ano do ciclo sabático. 4) Dízimos dos animais (Lv 27:32) escolhidos na contagem feita três vezes no ano e oferecidos em sacrifício pelo dono (Veja tratado Bekhorot). Os levitas tinham que pagar um dízimo que eles próprios recebiam (Nm 18:26). O sistema do primeiro dízimo subsiste nas Escrituras como parte do plano divino para a manutenção do ministério. Como já foi visto, tal prática acontece a Moisés e subsistia antes do Santuário e do próprio Israel. Não acontece o mesmo com o segundo dízimo. Ele está intimamente



ligado (conforme Dt 12, 14, 26) ao sabático que ocorria de sete em sete anos. A tabela abaixo é ilustrativa das diferenças entre os diversos dízimos (foram incluídos aqui os impostos reais, chamados de dízimos): O DÍZIMO DE DEUS O DÍZIMO DOS POBRES O DÍZIMO DO REI Dado aos sacerdotes e levitas. Nm 18:20-26 e Lv 27:30-31. 1. Dado somente e totalmente aos levitas. 2. Armazenado no templo MI 3:8-10. 3. Não usado pelo adorador. 4. Não trocado ou vendido. 5. O levita recebia e dizimava. 6. Visava sustentar os ministros religiosos de Israel. 7. Manter o serviço ministerial. 8. Um ato de fé: "fazei prova de mim..." 9. Pré-Mosaico, sancionado por Jesus. Gn 14:28; Mt 23:23. 10. Permanece com o pastor, actual ministro do altar. ICo 9:13,14. Para a família no 1º, 2º, 4º e 5º e para os pobres no 3º e 6º anos do ciclo de sete anos Dt 12, 14 e 26; pp. 565. 1. Levitas apenas convidado. 2. Não armazenado no templo nem dado ao levita. 3. Era usado pelo adorador. 4. Podia ser trocado e vendido. 5. O levita não dizimava pois não recebia. 6. Visava sustentar os pobres. 7. Visava festas familiares. 8. Ato de caridade. 9. Apenas Mosaico, ligado ao Templo. 10. Findou com o fim dos serviços do Templo. Um imposto qualquer a título de dízimo. I Sm 8:11 a 17. 1. Imposto real. 2. Levado ao Tesouro do rei. 3. Usado pelo rei. 4. O rei administrava. 5. O rei devia dizimar. 6. Visava sustento do rei. 7. Visava sustento do rei. 8. Ato compulsório. 9. Monárquico apenas. 10. Findou com o fim da monarquia. Conclusão Nessa questão é preciso lembrar que toda uma comunidade, um verdadeiro exército, deveria ser mantido pelo sistema de dízimo, sob pena de abandono do seu ministério para cuidar da sobrevivência. A decisão exclusiva era indispensável e precisaria ser mantida com um sistema consistente e esse sistema é o de um dízimo exclusivo para os levitas e sacerdotes, daí a necessidade de um constante reavivamento nessa área. Basta calcular que a condição financeira dos levitas seria, aproximadamente, nesse sistema, a média da situação de todas as demais tribos, sem implicar necessariamente, em enriquecimento. A ideia do dízimo, como interpretada a partir de Deuteronomio, sendo usada para os levitas, pobres e outros crentes, misturadamente, encontra-se isolada na Escritura, que postula antes e depois, um dízimo exclusivo para os levitas e sacerdotes, e outro para adoração em família e para os pobres (um segundo dízimo). Além disso, parece que a consequência natural dessa interpretação (um único dízimo não exclusivo para os levitas) leva a tribo de Levi ao empobrecimento, deixando-a ao nível dos pobres mendicantes. Também não teria sentido apelar para trazer os "dízimos à casa do Tesouro" (MI 3:8-10), ao Templo em Jerusalém, com sua tesouraria específica (Ne 12:44), se os dízimos devessem ser usados pelos adoradores, desde a época deuteronomica, como querem alguns. Como explicar o conflito em Números 18 versus Deuteronomio 12, 14 e 26? As soluções de qualquer modo, frente à história posterior de Israel, resultam na final permanência de um único dízimo exclusivo para sacerdotes. Como dizer que deveriam os levitas receber da tesouraria do Templo, os dízimos arrecadados das cidades, conforme a lei prescrevia (2Cr 31:2-21)? Então, não eram entregues directamente aos levitas e nem usados pelo adorador. Se já houvessem (os levitas) recebido directamente do adorador, ou estes os usasse como bem quisesse, para que, então, tesouraria de dízimos no Templo? Ou o pensamento deuteronomico trata de um segundo dízimo, conforme vimos, ou então, esta é uma questão irreconciliável, perdida no mundo das hipóteses. Conclui-se, portanto, pela ideia de que na Bíblia aparecem dois dízimos diferentes e separados. Um destinado, anteriormente, aos levitas e sacerdotes e, hoje, ao pagamento de ministros do evangelho, e o outro destinado à adoração em família e atendimento aos necessitados. Este segundo dízimo, entre outras doações do sistema mosaico, apresenta-se como um referencial básico para as ofertas que, segundo Paulo, devem ser dadas "não com tristeza nem por necessidade" mas com "alegria" (2Co 9: 6 a 12), lembrando a alegria que, segundo Deuteronomio deveria acompanhar a sua entrega (Dt 12:6, 7, 12, 18; 14:26; 26:14), a qual, enfatiza, não deveria ser feita com "tristeza" (Dt 26:14). Um reavivamento e retorno ao modelo bíblico de liberalidade e administração fiel do fundo sagrado, seja por parte de nossas instituições ou individualmente, mediante a instrução pastoral, ainda se faz necessário em nossos dias como o foi, algumas vezes no passado. Num mundo onde a corrida pelo dinheiro tomou lugar do amor a Deus e à sua obra no coração de muitos professos cristãos, certamente, esse exemplo, dos fiéis israelitas às determinações divinas, é uma lição de liberalidade, nos dízimos e nas ofertas, digna de ser imitada hoje pelos verdadeiros adoradores, que amam mais a Deus do que a Mamom, e querem preparar o mundo para a breve volta do Senhor Jesus. Josemontrond@gmail.com

**Ibiza**

Gostei: Sem Opinião ...

Comentário:

Agora veio a irmã do magistrado falando mais barbaridades! Estão todos pirados da cabeça mesmo!

ibiza.cam@hotmail.com

Concordo: Sem Opinião ...

**Pensador**

Gostei: Sem Opinião ...

Comentário:

Meus senhores, vamos à prática. Jesus disse: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". O quê que isso, na prática, significa? Significa que, em primeiro lugar devemos respeitar o próximo, mas isto não quer dizer que devemos sempre estar de acordo com ele, mas sim respeitá-lo em qualquer circunstância, porque, meus senhores O RESPEITO PELO OUTRO é a condição sine qua non para que possamos ter uma sociedade com mais paz, mais amor, e sobretudo mais tranqüila. Respeitar também significa não invadir o espaço alheio; Significa também lembrar que o outro tem direito a ter opinião; Significa que o outro tem direito de exercer a sua cidadania na plenitude; Significa aceitar as diferenças de cada um; Enfim, significa olhar para cada ser humano como uma criatura que Deus escolheu para fazer parte do seu projecto.

pensador@hotmail.com

Concordo: Sem Opinião ...

**mcxatiod**

Gostei: Sem Opinião ...

Comentário:

E CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VÓS LIBERTARÁ(João8:32) Cabe a cada um descobrir a verdade e seguir em frente. GOD BLESS YOU Peace &amp; Love

mcxatiod@hotmail.com

Concordo: Sem Opinião ...

**Paulo**

Gostei: Sem Opinião ...

Comentário:

Jesus Cristo através do Apóstolo Paulo nos advertiu de que se alguém ou mesmo anjos do céu nos anunciasse outro evangelho que este seja anátema. Esse evangelho que os natistas estão a proclamar é demagógica e consequentemente tanto o falso profeta como os seus discípulos serão lançados na fomalha do fogo ardente e ali haverá choros e rangeres de dentes, pois eles nunca se fixaram na verdade, na Rocha Eterna que é Jesus, pelo contrario, são os anticristos que haviam de aparecer para trazer opróbrio à verdade como afirma o apóstolo João em I João 2:18 e 19 "Filhinhos, já é a última hora; e como ouviste que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos tem surgidos; pelo que conhecemos que é a última hora. Eles saíram do nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecidos conosco; todavia eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos". O Sr. Inácio conhece bem as crenças Adventistas, sabe que o que os Adventistas ensinam estão de acordo com as escrituras, ensinam esses que ele conheceu, mas que, como Judas que amou mas o Dinheiro, ele está sempre a arranjar formas de cegar as pessoas fingindo-se de vítimas, e como Satanás almeja ser comparado com o Nosso Senhor Jesus Cristo realçando as suas características físicas para mostrar a veracidade do seu ministério (C. 30.06.2009), ministério esse que será desfeito quando Aquele que é poderoso se manifestar para dar a cada um segundo as suas obras. Nenhum dos Apóstolos que estiveram com Jesus teve a ousadia de serem comparados ao seu Senhor. À semelhança de Satanás que queria ser igual a Deus, esse demagogo Inácio quer ser como Jesus. Quando ele for para o Céu também vai querer o trono que cabe a Jesus, pois Jesus e ele são similares. Jesus se humilhou e nunca teve por usurpação o ser igual a Deus, antes se humilhou até a morte na Cruz. Ellem White a quem O Sr. Inácio alega ter semelhança

destevann@hotmail.com

Concordo: Indiferente

nunca aceitou ser chamada de Profeta, mas sempre aceitou ser chamada da Serva do Senhor. Esse Sr. está a comportar pior do que os dois discípulos que queriam acento ao lado de Jesus.

**servo de CRISTO**

Gostei: Muito

Comentário:

gostei muito da mensagem, pq ai esta a prova de que os adventistas apostatados esta a tentar inverter a mensagem que DEUS tinha dado ao povo no passado e agora ao seu servo inacio, e assim podemos concluir que a CRASDT esta correcta na doutrina

**dionisiboss@hotmail.com**

Concordo: Plenamente

Diga o que pensa sobre este texto. O seu comentário será publicado online após aprovação da redacção.

Gostei

Sem Opiniao ... ▼

Concordo

Sem Opiniao ... ▼

Comentários

Nome

Email

Código de Verificação

6 8 8 6 4

Insira os algarismos da figura

Enviar Comentários